

# DISSE-ME-DISSE: RIO DE JANEIRO, XIX-XXI

Mais do que olhar, na série *Disse-me-disse* os pequenos e coloridos gigantes do artista amazônico radicado no Rio de Janeiro, PV Dias, provocam-nos a “escutar as imagens”. O suposto silêncio das paisagens – que retratam um Rio de Janeiro idílico – é interrompido por cochichos e escutas que transitam entre os séculos XIX e XXI.

O cochicho, palavra de possível origem banta, de acordo com Nei Lopes, foi uma das tecnologias de sobrevivência e de (con)fabulação que permitiram que chegássemos vivos até aqui. Parte constituinte dos cultos de religiões afro-brasileiras, em que certas premissas são reveladas somente aos iniciados, o segredo inerente aos cochichos evidencia uma capacidade de inverter relações de poder estabelecidas: a autoria-autoridade passa a ser daqueles que detêm a escolha do que silenciar e a quem confidenciar.

Em *Disse-me-disse*, o gesto e o som do cochicho rompem com a lógica de uma pretensa passividade de pessoas que foram sujeitadas à escravidão. No cochichar, notamos suas estratégias, astúcia, agência e cumplicidade, percebendo, assim, como essas “paisagens” devem ser lidas e ouvidas nos dias de hoje.

Conscientes da inviabilidade de sustentar lógicas desenvolvimentistas fundamentadas em uma visão de futuro — um traço marcante do século XX —, percebemos um interesse crescente na arte contemporânea em visitar o passado, com especial atenção à produção iconográfica de caráter nacional do século XIX. Com isso, as obras aqui apresentadas questionam também a historiografia brasileira que deliberadamente muitas vezes negou às pessoas negras o papel de agentes históricos, por meio de imagens que desconsideravam movimentos populares que ocorriam no mesmo contexto histórico — a Revolta dos Malês (1835), na Bahia; a Cabanagem (1835-1840), no Grão-Pará; ou a Balaiada (1838-1841), no Maranhão, por exemplo. Como apontado por Clóvis Moura, essa exclusão ocorreu por meio da omissão ou subestimação, tanto do indivíduo quanto de grupos ou segmentos. Através das tecnologias de comunicação e performances corporais das personagens de PV Dias são reveladas dinâmicas sociais que subvertem esse silenciamento.

Na exposição, são apresentadas obras que cochicham sobre as produções de viajantes europeus por meio de intervenções na casa e nas gravuras originais das coleções das irmãs Ema e Eva Klabin. Escute o que esses trabalhos têm a dizer!

Curadoria

Ana Paula Rocha, Janaína Damaceno  
& Paulo de Freitas Costa